

ESPÓLIO PINTO QUARTI
137 7.13

Ano 2.º

2.ª Série

Outubro de 1917

N.º 22 (74)



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA - CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Proprietário e Director — H. Marques

Tip. R. Poço dos Negros, 81

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Redacção e Administração

CAIS DO SOBRÊ, 83

LISBOA — PORTUGAL

ESTOCOLMO.

Para a história da conferência

A projectada conferência de Estocolmo, sucessivamente adiada em vista das inúmeras dificuldades provenientes ora da desconfiança das fracções zimmerwaldistas, opostas a qualquer contacto com os socialistas governamentais ora das intransigências nacionalistas destes últimos, ora do veto dos governos, parece ter encontrado um novo e forte obstaculo nos últimos acontecimentos russos, que embaraçam e retem o Soviet.

Entretanto, para a historia desta tentativa, damos o resumo duma conversa entre um redactor do *Avanti!* e um membro da delegação que, em nome do Soviet, se encontrava em Estocolmo, a caminho da Inglaterra, França e Italia.

Historiando os preliminares da conferência, o delegado declarou que já não tinha interêsse algum o debate entre belgas e holandezes, para determinar a quem pertencia o direito de convocar a Internacional.

O Soviet entendeu que o secretariado socialista internacional transferido de Bruxelas para a Haia, não tinha força para fazer a convocação e que marcava à conferência fins em contradicção com os principios da revolução russa e do movimento internacionalista.

A comissão holandesa pretendia que se elaborasse um projecto de paz susceptivel de persuadir os governos da possibilidade duma liquidação fácil e honrosa da guerra, ao passo que o Soviet era e é contrario aos métodos di-

plomáticos e a uma paz regateada entre os governos imperialistas.

O Soviet julgou-se também com mais influencia do que a comissão de Berna (zimmerwaldista) para se dirigir a todas as fracções do socialismo.

Eis os motivos da moção de 25 de abril, votada pela comissão executiva do Soviet, e do manifesto de 14 de Maio, convocando para Estocolmo todos os partidos e fracções do socialismo. O Soviet estava, porém, decidido a não realizar a conferência, se a ela fossem impedidos de assistir os socialistas de opposição, ao passo que a convocaria mesmo sem os socialistas governamentais. O seu fim era «restabelecer a luta internacional contra o imperialismo, para dissipar todos os mal entendidos entre os proletariados dos diferentes países que sofreram a influencia das ideologias nacionalistas.»

O delegado falou em seguida do acolhimento que a iniciativa do Soviet teve entre os socialistas ingleses e franceses e dos debates do Soviet com os ministros Henderson, Albert Thomas e Vandervelde.

Em face dos obstáculos opostos à conferência por varios governos e socialistas governamentais o congresso geral dos Soviets resolveu mandar uma missão ao estrangeiro, com escala por Estocolmo, onde conferenciaria com a comissão holandesa-escandinava, com a de Berna e com os representantes dos diversos partidos.

De entre os socialistas russos, só os *bolcheviques* ou maximalistas, como Lénine, é que recusam tomar parte na conferência, por terem sido para ela convidados os traidores da Internacional, da espécie dum Scheidemann. Foi o motivo apresentado por todos os demais zimmerwaldistas, cuja junta fede-

rativa internacional— a comissão de Berna— apenas consentiu em convocar um congresso prévio para decidir sobre a participação na Conferencia de Estocolmo.

Foram laboriosas as negociações dos delegados do Soviet com a comissão escandinavo-holandesa. Esta queria fazer precisar desde logo a fórmula de paz e opunha-se ao estabelecimento da cláusula em virtude da qual seriam obrigatórias para todos os aderentes as decisões da conferencia.

Os delegados triunfaram nestes dois pontos, obtendo também que Branting e Vliegen renunciassem à sua idea de pôr na ordem do dia a questão das origens da guerra, questão considerada pelos delegados como um problema científico que a conferencia seria incapaz de resolver, estando uma discussão apaixonada e turva destinada fatalmente, nesta ocasião, a acentuar as divergencias e a contribuir para a agitação nacionalista.

Os delegados russos conferenciaram com enviados da minoria socialista alemã, com quem se puseram de accordo, e discutiram com Muller, representante da maioria, acabando por lhe declarar que para poder tomar parte na conferencia, a maioria socialista alemã havia de manifestar publicamente a sua adesão ao programa exposto no convite do Soviet e obrigar-se de antemão a cumprir as decisões tomadas.

Segundo o texto definitivo da convocação, firmada pelos delegados dos Soviets russos, pelo secretariado internacional e pela comissão escandinavo-holandesa, o programa provisório da conferencia era o seguinte:

1.º— A guerra mundial e a Internacional;

2.º— O programa de paz da Internacional;

3.º— Vias e meios para a realização desse programa e conclusão rápida da guerra.

«Os organizadores da conferencia geral (diz esse documento) estão intimamente convencidos de que, para pôr termo à guerra mundial, a Internacional deverá levar todos os partidos socialistas e todas as organizações sindicais a exercerem uma acção comum

contra os governos que recusam tornar publicos os seus fins de guerra, ou que, aberta ou secretamente, tiveram em vista fins imperialistas e a eles recusam renunciar.»

UMA GREVE NA IDADE-MÉDIA

O conhecimento ainda demasiadamente unilateral e superficial do ambiente histórico, teatro das épicas lutas políticas dos tempos idos, e especialmente a ignorância das verdadeiras condições económicas, que lhe formavam o substracto, levaram muitos historiadores a ilações extravagantes e bem distantes da verdade. Assim, pretendeu-se ver no sistema corporativo medieval alcançada com felicidade a hoje tam invocada harmonia entre capital e trabalho, ao passo que um exame mais particularizado põe a nu a profunda distinção entre a classe a que pertencia a hegemonia económica e a outra, sujeita ás extorsões da primeira.

Não se vá supor que a corporação medieval era formada exclusivamente de operários; quem lhe constitui a força é a classe patronal, isto é, a que possui os meios de produção. Se nas corporações de menor importância esta distinção pouco se sente, já onde a vida económica é tam desenvolvida que domina na cidade e muito amiúde ultrapassa os muros urbanos, fazendo sentir a sua influencia até em países estrangeiros, ali, necessariamente, o antagonismo entre os detentores do capital e as classes trabalhadoras deve afirmar-se com a inevitavel exploração destas últimas.

É o carácter que, na Itália, durante a idade média, apresenta precisamente a arte dos manufactores de lã, que constituiu indubitavelmente a corporação mais forte, especialmente em Florença; mas, se nas outras cidades italianas não atingiu aquela grandeza a que chegou em Florença, foi, porém, uniforme por toda a parte o modo de exploração. Assim, em Pádua, constituída pelos mercadores que mandavam fazer por sua conta panos de lã, tinha ela sujeitos à sua jurisdição todos os